

A RIQUEZA FILOSÓFICA DA OBRA DE PAULINHO DA VIOLA: ALGUNS FRAGMENTOS AMOROSOS E UM DIÁLOGO COM KIERKEGAARD³

Marcio Gimenes de Paula⁴

Resumo: O objetivo do presente artigo é colocar a obra poética de Paulinho da Viola em diálogo com Kierkegaard. Para tanto, iremos nos limitar a analisar três letras do poeta: *Viver sem amor*, *Quem sabe*, *Vida* (em parceria com Elton Medeiros). As três composições tratam de amor e de separação. O intuito é observar como o poeta percebe a finitude do amor e como isso pode ser enriquecido no diálogo filosófico.

Palavras-chave: Amor, Kierkegaard, Paulinho da Viola, música brasileira

Abstract: The objective of this article is to place Paulinho da Viola's poetic work in dialogue with Kierkegaard. To do so, we will limit ourselves to analyzing three of the poet's lyrics: *Viver sem amor*, *Quem Sabe*, *Vida* (in partnership with Elton Medeiros). The three compositions deal with love and separation. The aim is to observe how the poet perceives the finiteness of love and how this can be enriched in philosophical dialogue.

Keywords: Love, Kierkegaard, Paulinho da Viola, Brazilian music

Considerações introdutórias

Afirmar que as letras e melodias de Paulinho da Viola são altamente filosóficas, seria cair no lugar comum, mas, de certo, isso também parece quase inevitável. Ademais, ficar no comum – e na finitude da vida comum – não deveria nos assustar tanto assim. Muito já se produziu sobre a relação entre a filosofia e sobre os mais diferentes fragmentos da obra do nosso artista. Destacamos o belo livro de Eliete Negreiros denominado *Paulinho da Viola e o elogio do amor*⁵, resultado de sua tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo em

³ O presente texto foi igualmente gravado em vídeo e está disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=3OAVxE_JVXE

⁴ Professor no Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. E-mail: marciogimenes@unb.br.

⁵ Negreiros, Eliete. *Paulinho da Viola e o elogio do amor*, Ateliê, São Paulo, 2016.

2017⁶, bem como o seu livro anterior denominado *Ensaçando a canção: Paulinho da Viola e outros escritos*.

Assim sendo, nosso objetivo é aqui muito mais modesto. Apenas queremos separar alguns trechos de letras do compositor brasileiro e avaliá-los em diálogo com fragmentos filosóficos do pensador dinamarquês Kierkegaard com os quais possam ter afinidade e interlocução. Para tanto, iremos nos deter em três canções de Paulinho da Viola: *Viver sem amor*, *Quem sabe*, *Vida* (em parceria com Elton Medeiros). Passemos, então, aos nossos pontos.

Viver sem amor: uma canção de Paulinho da Viola

O elo comum de *Viver sem amor* é um tema conhecido dos sambistas: o fim de um amor. Contudo, não é apenas um lamento, a constatação da dor de uma separação. O que se pode ver aqui, nas belas metáforas, é também uma virada de página, um aquecer do coração com novas esperanças e, quiçá, com novas paixões, um lugar onde é possível reclinar sua cabeça e novamente dividir a vida com alguém. Observemos, com atenção, a primeira estrofe da letra: “Onde vou descansar minha asa/Em que casa abrigar minha dor/Seja onde for/Seja o que for/O voo não cansa, nem se acaba/O coração que desaba não esmaga o amor” (Viola, acessado em 27.02.2024). O verso dolorido do poeta tem uma dupla face: a constatação da dor do fim de um relacionamento, mas a busca de um novo lugar, um lugar onde descansar sua asa. Por isso, ele nunca pode parar de voar, o que soa quase como um imperativo: não desistir da felicidade e da alegria. Por isso, a constatação é tão forte ao afirmar que um coração que cai não esmaga o amor. Um amor se acaba, uma relação se vai, mas o amor em essência permanece dentro do coração do poeta e poderá se reconfigurar em novos rostos, em novas pessoas. Na obra *Migalhas filosóficas* do dinamarquês Kierkegaard há um belo fragmento que, penso eu, pode dialogar com o poeta Paulinho da Viola. Diz o escritor de Copenhague:

A infelicidade não consiste em que os amantes não possam ficar juntos, mas em que não consigam compreender-se. Essa aflição é afinal infinitamente mais profunda que aquela da qual as pessoas falam; pois uma tal infelicidade visa ao coração do amor e fere para a eternidade, ao inverso da outra, que não nos atinge senão no exterior e por um certo tempo, e que para as almas generosas não é senão uma brincadeira, como o fato de os amantes não se unirem no tempo.” (Kierkegaard, 1995, p.48)

⁶ Maiores informações podem ser vistas no link abaixo: <https://jornal.usp.br/cultura/doutora-em-filosofia-pela-usp-lanca-livro-sobre-paulinho-da-viola/>

A segunda estrofe principia da seguinte maneira: “Seja o que for/Seja onde for/Onde mora a felicidade/Que esconde a paixão/Andando, vou tangendo a saudade/É um rebanho, é tanta ilusão” (Viola, acessado em 27.02.2024). A busca é por uma felicidade, pela paixão que pode estar escondida em qualquer parte ou mesmo diante do nosso nariz e, por estar assim tão próxima, parece que não a conseguimos ver. Kierkegaard desconfiava que a filosofia moderna era um pouco assim, isto é, não via o que estava diante dos seus olhos, tal como ele escreve nos *Diapsalmata* (parte da obra *Ou Ou*): “O que os filósofos dizem sobre a realidade é tão enganoso como quando se lê no letreiro de uma loja de velharias: aqui engoma-se. Quem trouxesse roupa para mandar engomar ver-se-ia então ludibriado; porque era meramente o letreiro que estava a venda” (Kierkegaard, 2013, p. 63).

Por isso, andar é fundamental, até mesmo para governar a saudade, para perceber as ilusões vividas, aquelas pelas quais inevitavelmente passamos. O tema do rancor, do ciúme e a reafirmação do amor serão cantados na terceira estrofe: “O aboio que tange o rancor/O acalanto que adormece o ciúme/Seja o que for/Seja onde for/Onde vou descansar minha asa/Não será pra viver sem amor” (Viola, acessado em 27.02.2024). A ideia aqui é encontrar num amor um ponto de apoio, um lugar onde se pode descansar. O poeta é um tipo de herói trágico, que combate e agora necessita de um lugar de pouso. Todavia, o pouso não é dado pela sociedade, por um coletivo, mas por um novo amor. O final também é uma afirmação do poeta que não viverá sem amor. Assim, como gostava de afirmar Kierkegaard, o amor é paradoxal, ele é passional, mas o poeta sem amor é um tipo medíocre: “Contudo, não é necessário pensar mal do paradoxo, pois o paradoxo é a paixão do pensamento, e o pensador sem um paradoxo é como o amante sem paixão, um tipo medíocre” (Kierkegaard, 1995, p.61).

Quem sabe: uma canção de Paulinho da Viola

A canção *Quem sabe* está no mesmo eixo temático do amor que se desfaz, de uma separação dolorida e do acalantar da esperança de um outro amor no futuro. Ela assim começa: “Sem nada/ Nem no peito qualquer mágoa/ Sem rancor e sem saudade/ Venho agora te dizer adeus” (Viola, acessado em 27.02.2024). O “nada” da canção parece enigmático. Pode indicar alguém que não tem mais sentimento nenhum, não sente mais “nada” por alguém. Pode indicar também alguém que perdeu coisas pelo caminho, coisas materiais e coisas emocionais. O estado de não ter mais nada parece ser o começo pois, como lembrava o poeta Paulo Leminski: “com

nada já dá para começar” (Leminski, acessado em 27.02.2024). Assim, numa sociedade viciada pela ideia de todo e de totalidade, o nada é um desafio filosófico para o recomeçar da vida. A potência da letra de Paulinho da Viola parece sempre residir na recordação, tema que é lembrado por Kierkegaard nos *Diapsalmata*:

Nada é para mim mais perigoso do que recordar. Se recordo tão somente uma circunstância da vida, essa circunstância cessa por si. Diz-se que a separação ajuda a reanimar o amor. É inteiramente verdade, mas reanima-o de um modo puramente poético. Viver em recordação é a mais perfeita vida em que é possível pensar, a recordação sacia mais fartamente do que toda a realidade, e tem uma segurança que realidade alguma possui. Uma circunstância da vida que é recordada já entrou na eternidade, e nem tem mais nenhum interesse temporal (Kierkegaard, 2013, p. 64).

O poeta afirma também não ter mágoa, nem rancor e nem saudade. A mágoa parece sempre ainda nos manter ligado a alguém, a mágoa tem um objeto. Estar magoado com alguém ainda é nutrir alguma esperança, superar a mágoa significa virar uma página. Essa parece ter sido a tônica da canção, pois a mágoa e o rancor já não possuem mais razão de ser e de existir. Curiosamente, o poeta parece também negar a saudade e isso é instigante. Aquele que tem saudade lembra do passado, talvez até projete o futuro, há quem diga que existe até mesmo uma saudade do futuro, do sonhado, mas ainda não vivido. O poeta não almeja ficar preso numa saudade congelante, num tempo que passou. Assim, ao ultrapassar o sentimento da saudade, ele pode agora dizer adeus para quem um dia amou. Ele pode dizer adeus, visto que a relação passou, que eles passaram. Desse modo, o adeus dito sem mágoa, sem rancor e sem saudade parece abrir a janela do futuro, do que pode se desenhar daqui para frente.

O dizer adeus é uma virada de página, por isso representa um abrir-se para o futuro. Assim, a letra segue: “Quem sabe/ Não encontro pela madrugada/ Uma esperança vaga/Nos olhos de alguém/Que também despertou/De um sonho igual ao meu” (Viola, acessado em 27.02.2024). A madrugada parece o local de encontro das esperanças que não podem ser concretizadas à luz do dia. Por isso, o condicional “quem sabe” está ligado com a madrugada, momento que a noite insiste em ficar, mas o novo dia parece vir com força inevitável. A madrugada é um tema constante dos sambas, dos poetas. Curiosamente, a esperança pode ser encontrada nos olhos de alguém, na troca de olhares, no espaço do não dito e do não falado, mas do sentido, do percebido. A troca de olhares será entre dois cúmplices que despertaram do mesmo sonho e, portanto, são capazes de se compreenderem mutuamente, tal como um louco pode compreender a outro louco, tal como um fiel consegue aproximar-se do seu Deus, como

já lembrou tão bem o poeta Renato Teixeira na letra de *Romaria*: “Como não sei rezar/Só queria mostrar meu olhar, meu olhar, meu olhar” (Teixeira, Acessado em 27.02.2024).

Estar pela madrugada é, então, retomar um velho caminho, como bem lembra Paulinho da Viola: “Quem sabe/Retomando a velha estrada/Eu encontro em outros braços/Aquela ternura que um dia perdi/Dentro dos olhos teus” (Viola, acessado em 27.02.2024). Retomar a velha estrada é uma metáfora do caminho que precisa ser revisitado, mas que já não é mais o mesmo, nem o caminho e nem o caminhante. O caminho pode ser até conhecido, mas já não é mais o mesmo. O afeto está em encontrar outros braços, outros abraços quiçá. Reencontrar esses braços (e abraços) é recuperar a ternura perdida, a ternura que vivia nos olhos da pessoa amada como por empréstimo. Assim, o poeta reivindica a sua ternura de volta para poder depositá-la em outros abraços e braços, em outros olhares, em outra pessoa.

O que parece estar em curso é o reconhecimento da desilusão por parte do poeta. A palavra desilusão é curiosa. Alguém desiludido é alguém sem ilusão, mas, por sua vez, a ilusão representa sempre uma essência falsa. Assim, o filósofo Feuerbach, de modo proposital, acredita que o cristianismo do século XIX, por exemplo, era uma imensa ilusão, algo que parecia ser essencial, mas não era⁷. Freud segue a mesma pista e, não fortuitamente, faz sua crítica à religião cristã num livro chamado *O futuro de uma ilusão*⁸. Por isso, a frase poética de Paulinho da Viola é cheia de significado: “Toda ilusão se desfaz em mágoas” (Viola, acessado em 27.02.2024). O iludido precisa despertar, precisa acordar do seu sono, o que não será feito por um discurso direto, mas, talvez, pelas contingências do próprio viver. Ao despertar, a ilusão se desfaz em mágoas. Uma espécie de lamento do vivido, do tempo que passou, do quanto o iludido (e talvez apaixonado) não parecia ver onde estava e nem o que ocorria.

No meio de tantos sentimentos, o poeta tem orgulho em afirmar: “Mas eu não chorei/ Quando nosso romance acabou” (Viola, acessado em 27.02.2024). A afirmação de não chorar parece consoladora, parece indicar algo como eu não senti tanto assim, o que pode ser meramente retórico. A constatação final do samba é ainda mais forte: “É tão difícil a felicidade/Mas eu me sinto à vontade/Pra recomeçar no caminho do amor” (Viola, acessado em 27.02.2024). Não há o que ser feito com a constatação de que a felicidade é difícil. O ponto reside em perceber que o poeta se refaz, se sente à vontade para recomeçar no caminho do amor.

⁷ Tal tese é defendida especialmente na obra: Feuerbach, L.A. *A Essência do cristianismo*, Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1994.

⁸ Tal tese é defendida especialmente na obra: Freud, S. *O futuro de uma ilusão*, LPM, Porto Alegre, 2010.

Não sabemos o que é felicidade, talvez não saibamos nem mesmo o que é o amor. Por isso, o final da música nos faz lembrar o momento do filósofo Sócrates diante da morte, tal como narrado pelo diálogo *A apologia de Sócrates* de Platão: “Bem, é chegada a hora de partirmos, eu para a morte, vós para a vida. Quem segue melhor rumo, se eu, se vós, é segredo para todos, menos para a divindade” (Platão, 1972, p. 33).

Ali, o filósofo não sabe quem levou a melhor. Seria ele, que foi condenado à morte pela cidade de Atenas? Seria a cidade de Atenas que o condenou? Parece não haver respostas para tanto, salvo nos braços da divindade, como no caso de Sócrates, ou nos braços (e abraços) do recomeçar do amor segundo o poeta Paulinho da Viola.

Vida: uma canção de Paulinho da Viola e Elton Medeiros

A canção *Vida* começa assim: “Mais não se pode dizer”. O tema é apofático, isto é, trata-se das coisas sobre as quais nada se pode dizer. A vida é dessas coisas sobre as quais nada se pode dizer, nada se pode afirmar. Quem age assim não entendeu sua natureza, seu lado escorregadio, sua eterna fuga das definições e das gaiolas. A vida é dinâmica. Por isso, os poetas seguem dizendo: “Nem eu, nem ninguém” (Viola, acessado em 27.02.2024). Nenhum dos dois pode definir a vida. Aliás, o mesmo Paulinho da Viola já havia dito tal coisa em outra canção denominada *Num samba curto*: “Ninguém pode explicar a vida num samba curto” (Viola, acessado em 27.02.2024). Igualmente na linda canção *Solução para a vida – molejo dialético* (composta em parceria com Ferreira Goulart) há um verso que afirma: “E por isso lhe digo/ Que não é preciso buscar solução para a vida/Ela não é uma equação/Não tem que ser resolvida/A vida, portanto, meu caro, não tem solução” (Viola, Acessado em 27.02.2024).

É certo que a vida não pode ser explicada, mas ela possui consequências, tal como as escolhas que fazemos. Por isso, o poeta canta: “Você é quem deve colher/Depois de semear também” (Viola, Acessado em 27.02.2024). Em outras palavras, colheremos o que conseguimos semear. A vida não é passiva, não é um destino de onde não se pode escapar, por isso o poeta canta: “Você é quem pode rasgar o caminho/E fechar a ferida” (Viola, Acessado em 27.02.2024). Abrir o caminho com força, rasgar o caminho possui uma força poética e está associado a um duplo movimento: o mesmo ser que abre o novo caminho, cicatriza a velha ferida. As coisas acontecem concomitantemente. Como não se pode ter definições cabais, o que parece ocorrer aqui é o que ele mesmo canta depois: “E achar o seu justo momento/ A razão de

tudo aquilo que chamamos vida” (Viola, Acessado em 27.02.2024). Em outras palavras, a razão é não conseguir encontrar a própria razão. É perceber a vida como indefinível, como transbordante mas, ao mesmo tempo, perceber que nela teremos as consequências das nossas escolhas, dos nossos atos, das nossas coragens e dos nossos medos.

Desse modo, a última estrofe da canção é quase uma convocação: “Vamos lá, deixa o coração/Recolher os pedaços do sonho perdido” (Viola, Acessado em 27.02.2024). O coração sofrido tem uma tarefa: recolher os pedaços do sonho que se foi. Os pedaços serão a semente do que virá e, por isso, não podem ser desprezados e nem abandonados. A constatação do sambista não poderia ser mais realista: “Essa é a lei dos caminhos/Onde a desilusão e a dor/Fazem parte do primeiro artigo” (Viola, Acessado em 27.02.2024). A dor e a desilusão é tema constante na poética de Paulinho da Viola e nas letras de muitos sambas. Alguns se lembrarão aqui da significativa letra *Dança da Solidão*: “Desilusão, desilusão/ danço eu danço você/ Na Dança da Solidão” (Viola, Acessado em 27.02.2024).

Nossas vidas possuem traços comuns de humanidade, de amor, de dor, de sofrimento, de desilusão, de recomeço. Contudo, o poeta não concorda com a tese de que isso poderia fazer de alguns os conselheiros de outros. Pelo contrário, parece que nunca temos condições de dar conselhos a ninguém: “Traços comuns em nossas vidas/Não justificam um conselho sequer” (Viola, Acessado em 27.02.2024). Como a vida é dinâmica e sem definições, o poeta confessa ter buscado outras formas de viver e de amar: “E logo eu, que procuro/Infinitas formas de amar e viver” (Viola, Acessado em 27.02.2024). Diante do desconhecido, o que parece que sempre fazemos na vida está no nível dos experimentos. Tememos nossos próprios atos e experimentos. Assim, o poeta termina seu samba refutando o medo: “Posso apenas declarar que o medo/É que faz a nossa dor crescer” (Viola, Acessado em 27.02.2024).

À guisa de conclusão: os fragmentos amorosos

Seriam muitas as portas de um diálogo da filosofia com as letras de Paulinho da Viola. Canções clássicas – e tão conhecidas de vários de nós como *Coisas do Mundo Minha Nega*, *Vela no Breu*, *Chico Brito*, *Para ver as Meninas*, *Num samba curto* (apenas para citar algumas) abririam um leque de perspectivas sobre conhecimento, sobre ética e moral, sobre política e outras áreas afins ou perspectivas similares. Contudo, o que tentei apontar aqui não foi isso. Meu interesse foi pelo Paulinho da Viola como poeta e cantor do amor, das dores do amor e

dos seus recomeços. Por isso, escolhi iniciar com a letra de *Viver sem amor*. Ali, segundo posso ver, o poeta declara a impossibilidade de viver sem amor. Ele não declara que os amores não acabam, mas que eles podem passar, podem se reconfigurar, podem até se transfigurarem. Assim, a única certeza é que ele não viverá sem amor e isso é digno de nota, de louvor, de admiração.

Já a letra *Quem Sabe* é praticamente uma carta de despedida, uma carta que tenta ir além da dor para encontrar um novo dia, para retomar a velha estrada, para ter o coração aquecido de novo e voltar a ter alegria de viver recomeçando nos caminhos do amor. A vida é feita de coragem para recomeçar, mesmo quando tudo parece indicar o contrário. Por fim, a letra *Vida*, magistral composição de Paulinho da Viola e Elton Medeiros, não poderia ter um título mais amplo e, ao mesmo tempo, recusa-se a dar qualquer definição, qualquer conselho, qualquer ensinamento moral a quem quer que seja. O que ela aponta é que devemos estar atentos às consequências do nosso viver, o que parece muito real. Ela é também um chamamento para que superemos o medo, aquilo que o filósofo Espinosa já chamou de paixão triste. Por isso, o filósofo Kierkegaard fazia do riso, do riso no momento talvez mais difícil, a sua grande esperança, como parece realizar o samba de Paulinho da Viola e tantos sambas imortais da nossa cultura. Assim, encerro meu texto com um pequeno fragmento dos *Diapsalmata*, em louvor ao riso, sempre presente nas rodas de samba e mesmo nas dores de amor:

Aconteceu-me uma coisa prodigiosa. Fui arrebatado até o sétimo céu. Estavam lá reunidos todos os deuses. Foi-me concedido por excepcional graça o favor de realizar um desejo. <Queres tu, disse-me Mercúrio>, <queres tu ter juventude, ou beleza, ou poder, ou uma longa vida, ou a mais bela rapariga, ou uma outra magnificência das muitas que temos na arca da quinquilharia – escolhe lá, mas só uma coisa>. Fiquei baralhado por um instante, mas dirigi-me aos deuses em seguida. <Honoráveis contemporâneos, escolho uma única coisa – que possa sempre contar com o riso do meu lado>. Nem um único dos deuses respondeu uma palavra, ao invés, largaram todos a rir. Perante isso, conclui que o meu pedido fora cumprido, e achei que os deuses sabiam exprimir-se com requinte; porque teria sido deveras inapropriado responder com seriedade: <foi-te concedido> (Kierkegaard, 2013, pp.78-79).

Referências bibliográficas

KIERKEGAARD, S.A. *Migalhas filosóficas*, Vozes, Petrópolis, 1995.

KIERKEGAARD, S.A. *Ou-Ou – um fragmento de vida*, Relógio d'Água, Lisboa, 2013.

LEMINSKI, Paulo. <https://www.pensador.com/frase/NzI3NTI3/>. Acessado em 27.02.2024.

NEGREIROS, Eliete. *Paulinho da Viola e o elogio do amor*, Ateliê, São Paulo, 2016.

PLATÃO. *Defesa de Sócrates* (Coleção Os Pensadores). Trad. Jaime Bruna, Abril Cultural, São Paulo, 1972.

TEIXEIRA, R. *Romaria*. <https://www.lettras.mus.br/renato-teixeira/271363/> Acessado em 27.02.2024.

VIOLA, Paulinho da. *Viver sem Amor*. <https://www.lettras.mus.br/paulinho-da-viola/278756/>. Acessado em 27.02.2024.

VIOLA, Paulinho da. *Na Dança da solidão*. <https://www.lettras.mus.br/paulinho-da-viola/48053/> Acessado em 27.02.2024.

VIOLA, Paulinho da. *Num samba curto*. <https://www.lettras.mus.br/paulinho-da-viola/128179/> Acessado em 27.02.2024.

VIOLA, Paulinho da. *Quem sabe*. <https://www.lettras.mus.br/paulinho-da-viola/48063/>. Acessado em 27.02.2024.

VIOLA, Paulinho da. *Solução para a vida – molejo dialético*. <https://www.lettras.mus.br/paulinho-da-viola/282508/> Acessado em 27.02.2024.

VIOLA, Paulinho da; MEDEIROS, Elton. *Vida*. <https://www.lettras.mus.br/paulinho-da-viola/278755/> . Acessado em 27.02.2024.